



## COMUNIDADE, CULTURA E LITERATURA: ASPECTOS CONSTITUINTES DA IDENTIDADE SURDA

Maria do Desterro das Neves Souza – Autor

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte – souzamd@gmail.com*

Sara Cristina dos Santos Freires – Co-autor

*Universidade Federal Rural do Semi-Árido – sc.freires@gmail.com*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar o desenvolvimento de uma pesquisa com revisão bibliográfica a partir dos conceitos de comunidade surda, cultura surda e literatura surda, considerando-os como elementos constituintes da identidade da pessoa surda. Nesse intenção, cabe conceber o sentido de identidade como um artefato que envolve expressões e memórias culturais que determinem o sentido de homem e de sociedade em que estão inseridos. A construção da identidade de uma pessoa surda não é algo simples de se conceber. Trata-se de um grupo envolvido em outras comunidades (de ouvintes) que envolvem o uso da fala, ou seja, de um discurso diretamente ligado ao conhecimento de uma língua. Logo sua cultura adquire um sentido de compreensão complexa, uma vez que seus membros constantemente convivem em ambientes bilíngues, adquirindo um perfil de multiculturalidade. Portanto, a questão da surdez, está intrinsecamente relacionada tanto com a comunicação, quanto com a educação, assim como com a cognição visual/sinalizada. Ou seja, não se pode considerar a surdez como, em sua condição para pessoa, como o estabelecimento de uma identidade “nativa”. Longe disso, há de se reconhecer que as relações identitárias ocorrem também por experiências visuais e estão projetadas nas suas próprias comunidades.

**Palavras-chave:** comunidade surda, cultura surda, literatura surda.

O conceito de identidade envolve todas as expressões e as memórias culturais que concebem o ser humano e a sociedade em que o mesmo está inserido. Segundo Strobel (2006, p. 8), povo surdo é “o conjunto de sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, tais como cultura surda, costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço”. Nesse pensamento desenvolvemos uma linha de leitura e comparação bibliográfica que sugere quebra de paradigmas e procura romper com discursos equivocados e de senso comum acerca de comunidade, cultura e literatura nas referências identitárias dos surdos, os quais são muitas vezes vitimados por exclusão de suas potencialidades.

A linguagem é determinante para a eficiência de toda e qualquer forma de comunicação. Partindo do princípio que toda linguagem humana é natural, compreendemos a essencialidade em perceber que assim é também entre pessoas surdas. Ou seja, a linguagem não se restringe àqueles



que tem audição e oralidade desenvolvidos. Ela existe com sentido de comunicação entre pares, ouvintes ou não.

Assim, se por um lado as pessoas surdas estão inseridas em um grupo visual, numa comunidade que se amplia além da esfera nacional, atingindo outros espaços mundo afora, atravessando fronteiras geográficas, por outro lado são constituintes de uma sociedade nacional, com uma língua específica de sinais própria de um país e com culturas partilhadas com as pessoas ouvintes desse lugar. A construção da identidade de uma pessoa surda não é algo simples de se conceber. Sua cultura é de compreensão complexa, uma vez que seus membros constantemente convivem em ambientes bilíngues, logo multiculturais.

## **Comunidade surda**

Partimos do sentido de que comunidade surda envolve todos aqueles que estabelecem alguma relação com a pessoa surda: família, escola, associações, igrejas, amigos, etc. Nessa direção, como define Miranda (2001, p. 20) “a comunidade surda constrói uma cultura e produz identidades em espaços geográficos, no sentido de não nascerem dentro desses, mas em espaços possibilitados ou conquistados para que ocorra, intencionalmente ou não, a organização e a produção surda”.

Segundo Strobel (citado por Perlin e Strobel, 2006, p.58), comunidade surda “não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos instantes”. Há comunidades surdas de sujeitos surdos e que buscam em muitas de suas ações o reconhecimento público. Nesses movimentos estes sujeitos formam vínculos que, até lhes assegura um lugar que seja imaginário, mas não lhes assegura um lugar, de fato, simbólico. Este espaço é conquistado ao se ultrapassar a função fraterna. De outro modo, correm o risco de mascarar verdades e de criar, nesses círculos em que se protegem de forma imagética, lapidações sobre esses laços estreitos de fraternidade, o que pode gerar, no campo das produções de certezas a “segregação e a intolerância em nome do narcisismo das pequenas diferenças”, conforme discorre o pensamento Freudiano sobre a intolerância. Seria, conforme o pensamento de Solé (2005, p.183) “a cristalização das fratrias, a tentativa de transformá-las de campo experimentação em campo de produção de certezas”. A partir de então, grupos informais constituídos com esse sentimento, autorizando-se em seus desamparos, podem passar a agir com segregação e intolerância. E assim, formados a partir de uma diversidade livre, podem até se



transformar, pouco a pouco, em círculos fechados de proteção também imagética, contrariando justamente o que principia os fatos de sua origem.

O companheirismo pode ser uma característica da pessoa surda. Trata-se de um viés de reconhecimentos entre pares. Na convivência as relações interpessoais e experienciais dos indivíduos, assim como as histórias de vida e de luta por direitos e por políticas afirmativas configuram a construção histórica da pessoa surda. Devemos, no entanto, considerar que isso não se faz presente no desmembramento social entre seus entes ouvintes e/ou que não se comuniquem em libras – familiares, amigos, etc. – ou nas relações com outros surdos que não sejam usuários de libras, por exemplo.

O sentimento de identidade grupal, pelo auto reconhecimento e pela representação da “cultura surda”, politicamente, educacionalmente e profissionalmente, veementemente estão promovendo a redefinição e reestruturação da surdez como relação de diferença e distinção em que se nega a deficiência a todo custo, em nome de uma etnia fabricada, se pretende produzir maquetes automatizadas de “humanoides<sup>1</sup>”, sem estimular consciência crítica nem reflexiva sobre a própria existência, mantendo-se fidelizados e dependentes de seus líderes surdos e dos intérpretes comunicadores mediadores alegando que “a esmagadora maioria dos surdos nasce em famílias afastadas de sua identidade ‘nativa’, ora, isto perturba o estabelecimento da identidade de qualquer criança” (SÁ, 2002). Se, e somente se, os ambientes não forem organizados para este fim. (FALCÃO, 2010, p. 94)

Ou seja, pensando sob essa óptica, não se pode considerar a surdez como, em sua condição para pessoa, como o estabelecimento de uma identidade “nativa”. Longe disso, há de se reconhecer que as relações identitárias estão projetadas nas suas próprias famílias. Tais identidades, ocorrem também por experiências visuais que no uso de uma língua espacial, corroboram com as diversas construções de ser e viver dos sujeitos surdos.

## **Cultura surda**

Conforme apontamento de Strobel (2009, p. 27):

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modifica-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que

<sup>1</sup> Termo utilizado por Longman, 2007, de forma pejorativa e depreciativa aos humanos que desconhecem a língua de sinais, como se esta língua estivesse sendo qualitativamente e universalmente acessível a todos os brasileiros.



contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Presente em todos os seus atos, a linguagem é inseparável do homem. Através dela é que o homem organiza simbolicamente e estrutura seus pensamentos e suas emoções. Através da linguagem é que o homem se manifesta em suas relações sociais, estabelecendo valores culturais que são manifestados pela sua própria história e pela cultura em que está inserido e que o constitui. Assim, vemos que a comunicação é estabelecida nas relações culturais e sociais, considerando sua história e a cultura da qual faz parte, não se tratando de mera transmissão de informação. Para a concretização desse processo estão envolvidos sentimentos, relações, desejos e valores num mundo comum. É como nos diz Bakhtin (1992) “o homem dialoga com a realidade por meio da linguagem, sendo ambos, homem e linguagem, partes de um mesmo processo dialético”.

A culturalidade histórica reflete o sentido deste entendimento, onde as tensões que se formam em cada um desses territórios funcionam em teia cuja profundidade de estrutura na cultura, no modelo e nível de educação, de consciência social e humana que se exacerba como conhecimento que ultrapassa gerações. A cultura é fruto e geradora de todos os passos da humanidade, agregada à história e aos valores sociais, se mantém como desenho daquilo que se quer defender. A este conjunto história, cultura e sociedade, construímos relações conceituais onde ocorrem intervenções que configuram a vida em sociedade de todos nós, seres humanos, aprendizes de modelos socializadores e humanistas nesses tempos de pós-modernidade.

Entendemos que é necessário compreender alguns princípios filosóficos, sociológicos e antropológicos referentes aos campos conceituais e semânticos, como se dão as relações em todos os ambientes e condições quando a cultura se manifesta como elemento constituinte de cada ser humano historicizado e gerado nas relações.

Mediante os estudos e pesquisas sobre cultura, nos atemos aqui à uma especificidade da surdez, denominada de “cultura surda”, em que afirma-se com veemência as manifestações de uma comunidade, as representações dos diferentes grupos de pessoas surdas distribuídas em várias regiões, trazendo a preconização da língua de sinais e sua contribuição na construção de sujeitos surdos, considerados outrora como minoria linguística e incapaz de desempenhar seu papel cultural na sociedade majoritária.

Como um atributo humano de caráter universal, a linguagem corporal, como ambiente/instrumento de comunicação do indivíduo consigo mesmo e com o social, se expressa de

diversas maneiras: gestual, facial, pelas diferentes expressões e manifestações corporais – danças, artes, música, etc – onde as emoções e sentimentos se expressam na interculturalidade e com o meio ambiente interagem e se constituem de valores e representações característicos das histórias de todas as civilizações humanas. Além disso é aspecto facilitador como argumento para o desenvolvimento psíquico e cognitivo.

É desse modo que o pensamento se exterioriza, através do próprio corpo que fala e que, “ao falar, escuta, percebe e também pensa e se comunica. Daí a reflexão e a interação entre interlocutores que dialogam. Este é o princípio fundador da linguagem, da percepção multissensorial, do pensamento e da individualidade humana”. (FALCÃO, 2010, p. 199)

## **Literatura surda**

Tomando como princípio a ideia desenvolvida por Antonio Candido, em sua obra *Literatura e Sociedade*, de que a literatura e a vida social estão intrinsecamente relacionadas, consideramos que a literatura pode ser vista como um agenciamento coletivo de linguagem que não se limita a nos oferecer nem o mundo nem a nós mesmos por intermédio de um raciocínio lógico demonstrativo, porque é de sua natureza o distanciar-se da pretensão de querer provar as coisas do mundo; para lembrarmos o pensamento de Lourival Holanda (2004), a literatura tem uma natureza mais modesta: a de querer encher o mundo de imagens e de sonhos. E isso não é pouco, porque alarga a vida. Nesse sentido, a literatura pode ser vista como um alcance de clareza num mundo de coisas obscuras, que nem sempre estão fora, mas dentro de nós.

A literatura favorece o desenvolvimento humano, tanto o desenvolvimento social quanto o individual. A literatura surda se configura como um dos componentes essenciais da cultura surda. De acordo com Karnopp (2010, p.161), a “Literatura surda vincula-se à temática da história das línguas de sinais, da Identidade e da Cultura Surda”, sendo a constituição dessa identidade realizada a partir do sentido de ser diferente, mas não em razão de ser menor ou ser incompleto, onde a literatura parte das experiências visuais:

A expressão “literatura surda” é utilizada no presente texto para histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita



outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico. (Karnopp, 2010, p.161)

A literatura é um veículo que transmite o conhecimento e a cultura de uma comunidade. No contexto bilíngue, funciona também como um veículo da Língua Portuguesa na cultura surda. Dependendo da forma como os textos poéticos e as narrativas literárias sejam apresentadas aos surdos podem despertar neles um interesse pela aproximação com a língua portuguesa. Essa aproximação não desfaz o conceito do que se entende por literatura surda, mas possibilita ampliação das ideias sobre a mesma. Nessa direção, Sutton-Spence sinaliza que já há evidências de que a poesia sinalizada pode despertar, por exemplo, o interesse pela poesia escrita. Nesse sentido, seria “também o caso de a poesia sinalizada ser uma tradução altamente visual de palavras escritas, que pode gerar um ‘ponto de partida’ para a apreciação e criação de poesia original em língua de sinais”. (Sutton-Spence, 2014, p.124)

Nesse processo a língua de sinais logo potencializa a comunicação através da mediação entre os interlocutores. Bakhtin (1992), afirma que “a língua não é um conjunto de formas e regras estáticas, constituída por um processo de evolução contínua que se realiza através da interação social dos locutores cuja criatividade não pode ser compreendida independente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam”. Portanto, a questão da surdez, está intrinsecamente relacionada tanto com a comunicação, quanto com a educação, assim como com a cognição visual/sinalizada.

## CONCLUSÃO

A linguagem é determinante para a eficiência de toda e qualquer forma de comunicação. Partindo do princípio que toda linguagem humana é natural, compreendemos a essencialidade em perceber que assim é também entre pessoas surdas. Ou seja, a linguagem não se restringe àqueles que tem audição e oralidade desenvolvidos. Ela existe com sentido de comunicação entre pares, ouvintes ou não. As duas, línguas de sinais e orais, são responsáveis por comunicação entre os seus usuários próprios. São independentes e estão ligadas ao conhecimentos de uma língua.

As comunidades surdas como vemos hoje são conferidas num pensamento recente. São resultado de discussões sociais, políticas e científicas, frutos de movimentos modernos de cultura e



de educação. A literatura surda e a cultura surda são elementos que precisam ultrapassar o sentido de compreensão e de produção imagética. Trata-se de aspectos constituintes dos traços identitários das comunidades em que estão inseridas as pessoas surdas.

## REFERÊNCIAS

WRIGLEY, Owen. *The Politics of Deafness*. Gallaudet University Press. Washington, 1996.

MIRANDA, Wilson. *Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais*. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 2001.

BAKHITIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 7. ed. São Paulo: Ativa, 1985.

FALCÃO, Luiz Albérico. *Surdez, Cognição Visual e Libras: estabelecendo novos diálogos*. Recife: Ed. do Autor, 2010.

HOLANDA, Lourival. Da necessidade social da literatura. In: CORDIVIOLA, Alfredo; SANTOS, Derivaldo dos; CABRAL, Valdenides (orgs.). *As marcas da letra: sujeito e escrita na teoria da literatura*. João Pessoa: Idéia, 2004.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Produções culturais de surdos: análise da literatura surda*. Cadernos de Educação (UFPEL), v. Ano 19, p. 155-174, 2010.

SÁ, R. N. L. *Cultura, poder e educação de surdos*. Manaus: Ed. Universidade Federal do Amazonas. 2002. 388 p.

SOLÉ, M. C. P. *O sujeito surdo e a psicanálise: uma nova via de escuta*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005. P. 183)

STROBEL, Karin. *As imagens do Ouro sobre a cultura surda – 2ª ed. Revisada*. Florianópolis: Editora UFSC, 2009.

GAVA, Águeda Aparecida. *Acta Semiotica et Lingvistica*, v.20, nº2, p. 61-76, 2015.

SUTTON-SPENCE, R. *Por que precisamos de poesia sinalizada em educação bilíngue? Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 111-128.

